

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

ADRIANO CAETANO GUIMARÃES DE SOUSA

**A Biblioterapia como alternativa terapêutica no tratamento de
pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

Belém – Pa

2016

ADRIANO CAETANO GUIMARÃES DE SOUSA

**A Biblioterapia como alternativa terapêutica no tratamento de
pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia do Instituto de Ciências
Sociais Aplicadas da Universidade Federal
do Pará como requisito para a obtenção do
grau de Bacharel em Biblioteconomia,
orientado pela Prof.^a M.^a Telma Socorro
Silva Sobrinho

Belém – Pa

2016

Dados Internacionais da Publicação (CIP)

Sousa, Adriano Caetano Guimarães de

A Biblioterapia como alternativa terapêutica no tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) / Adriano Caetano Guimarães de Sousa; orientadora Telma Socorro Silva Sobrinho. – 2016.

44 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Faculdade de Biblioteconomia, Belém, 2016.

1. Biblioterapia. 2. Transtorno autístico. 3. Educação inclusiva. 4. Leitura I. Sobrinho, Telma Socorro Silva, *orient.* II. Título.

CDD: 22. ed. 615.8516

ADRIANO CAETANO GUIMARÃES DE SOUSA

**A Biblioterapia como alternativa terapêutica no tratamento de
pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, submetido à Banca Examinadora.

Aprovado em ___/___/_____

Conceito: _____

Banca Examinadora

Prof.^a M.^a Telma Socorro Silva Sobrinho – Orientadora.

Prof.^a M.^a Maria Raimunda de Sousa Sampaio

Prof.^o Dr.^o Hamilton Vieira de Oliveira

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pais, Eloi e Iranilze, que me propiciaram o alicerce sólido da educação, da honradez, do esforço, sobre o qual agora sou capaz de erguer meu próprio destino.

À minha esposa Vívian, pois juntos lutamos pela realização dos nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais: meu pai Eloi que sempre me incentivou a prosseguir buscando superar os obstáculos da vida e fazer com esmero aquilo que a mim é confiado e a minha mãe Iranilze que me ensinou pacientemente a ler, escrever e realizar as primeiras operações aritméticas.

A minha querida esposa, amiga de todas as horas, companheira de curso e agora também colega de profissão, Vívian Paiva que tem trilhado comigo em busca de realizar nossos ideais.

Um agradecimento muito especial a minha orientadora Telma Sobrinho pela imensa contribuição, presteza e paciência dispensada a mim durante a realização deste trabalho, pela pessoa e profissional que ela é.

Aos professores do curso que se dedicaram verdadeiramente à transmissão das valiosas informações que contribuíram para a minha formação.

Agradeço também à minha equipe em sala de aula: Vívian, Alcione e Eldson, pois desde o primeiro semestre até o último estivemos permanentemente unidos.

Ao meu amigo Kilson Pinheiro sempre disposto a ajudar e cooperar para a realização das atividades acadêmicas no decorrer de todo o curso.

“A Leitura é uma projeção do texto como mundo. Esse ‘mundo do texto’ descoberto na leitura entra necessariamente em colisão com o mundo real para ‘refazê-lo”.

Ouaknin

RESUMO

Enfoca a biblioterapia como uma ferramenta coadjuvante no tratamento de pessoas que apresentam o Transtorno do Espectro Autista (TEA), através da utilização da leitura de textos apropriados e indicados por um biblioterapeuta que, em vista do princípio da interdisciplinaridade da biblioterapia, trabalha em parceria com os profissionais de outras áreas dependendo da Instituição onde a mesma será implementada, sendo que no presente trabalho a interação ocorreu com duas professoras do ensino fundamental de escola pública que possuem em suas salas de aula alunos com autismo. Denota a biblioterapia como uma forma de promover a mudança do comportamento, visando o melhor ajustamento social do indivíduo autista através do autoconhecimento proporcionado pela identificação com os personagens e reflexão realizada sobre os textos indicados. Usa como metodologia, além de pesquisa bibliográfica, o levantamento de dados por meio da aplicação de questionário direcionado a professoras do ensino fundamental de escola pública. Conclui que a leitura exerce um papel fundamental e essencial na formação do caráter, na socialização do indivíduo e na sua visão de mundo.

Palavras-chave: Biblioterapia. Transtorno autístico. Educação inclusiva. Leitura

ABSTRACT

Focuses bibliotherapy as a supporting tool in the treatment of people with the autism spectrum disorder (ASD), by using the reading of appropriate texts and indicated by a biblioterapeuta that in view of the principle of interdisciplinarity of bibliotherapy, works in partnership with the other areas of professionals depending on the institution where it will be implemented, and in this study the interaction occurred with two teachers of elementary school public school they have in their classrooms students with autism. Denotes bibliotherapy as a way to promote behavior change, aimed at better social adjustment of the autistic individual through self-knowledge provided by identification with the characters and reflection performed on the indicated texts. Use as a methodology, as well as bibliographic research, data collection through a questionnaire aimed at teachers of elementary school public school. It concludes that reading plays a fundamental and essential role in shaping the character, the socialization of the individual and his world view.

Keywords: Bibliotherapy. Autistic Disorder. Inclusive education. Reading

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAF – Autismo de Alta Funcionalidade

APA – American Psychiatric Association

APAN – Associação de pais e amigos do autista de Ananindeua

AS – Asperger Syndrome

DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

SA – Síndrome de Asperger

TEA – Transtorno do Espectro Autista

TGD-SOE – Transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS E A EVOLUÇÃO DA BIBLIOTERAPIA	14
2.1	A função terapêutica da leitura.....	18
3	TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	21
3.1	O Autismo.....	22
3.2	Crianças autistas e sua inclusão no meio escolar.....	28
4	BIBLIOTERAPIA APLICADA AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	32
5	RESULTADO DA PESQUISA.....	36
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	42
	APÊNDICE.....	44

1 INTRODUÇÃO

O autismo, como é mais conhecido, ainda é na realidade muito desconhecido pela nossa sociedade. Trabalhando em uma escola pública destinada ao Ensino Fundamental maior (6º ao 9º ano), certa manhã o pesquisador teve a oportunidade de flagrar um professor da escola perguntando à técnica escolar: “mas, o que é mesmo esse tal de autismo?” Ou seja, se o próprio educador não sabe nem do que se trata o Autismo, quanto mais saberá ministrar sua disciplina de forma a permitir que um aluno autista possa ser assistido e devidamente incluído nas atividades de sala de aula, felizmente, neste caso, o referido professor não possui em sua sala de aula alunos com transtorno do espectro autista. Isso não somente demonstra o quanto estamos despreparados e leigos sobre o assunto, mas também o quanto não estamos aptos para saber lidar com pessoas que por ventura possuam essa condição. Deste fato surge a motivação em estudar este tema, por entender que também é papel do bibliotecário que trabalhe em uma escola está comprometido com esse assunto.

Essa falta de informação pode causar a dificuldade de inclusão da criança autista no meio escolar, na sociedade e como consequência a dificuldade que o indivíduo poderá vir a ter, caso reúna condições, de no futuro atuar no mercado de trabalho.

A leitura é para o leitor uma fonte de informação, entretenimento, uma fonte de pesquisa para a coleta de dados, dependendo do tipo de texto que procuramos para atender a um determinado objetivo.

Seja para passar algumas horas de qualidade na companhia de um bom livro que nos conduza a um mundo de fantasia, de histórias fantásticas, daquelas que levaremos conosco por toda a nossa vida mesmo após o fim da leitura; ou, seja a leitura de um livro didático ou técnico-científico que nos proporcionará informações valiosas e indispensáveis para a nossa formação acadêmica, a leitura sempre esteve presente no processo de desenvolvimento e construção do saber das pessoas, mesmo quando pequenos e sem saber ler, em geral, as pessoas ficam maravilhadas como ouvintes.

É justamente para que possa atender às diversas classes de leitores que os textos são ajustados de acordo com o público a que se pretende atingir, como exemplo: infantil, infanto-juvenil ou adulto.

Contudo, a leitura possui além das propriedades supracitadas outras que podem ser consideradas curativas. Desde a antiguidade é conhecida a propriedade terapêutica da leitura auxiliando na recuperação dos transtornos da alma.

A leitura propicia uma interação entre o autor e o leitor havendo uma comunicação na qual o leitor absorve, em conformidade com a sua própria vivência, suas impressões sobre um determinado assunto ou situação. E em contrapartida, confronta seus conhecimentos e experiências com o conteúdo do que foi lido, tendo a oportunidade, portanto, de adaptar seu comportamento, suas atitudes e maneira de resolver alguma eventual circunstância de uma forma mais adequada. Propicia também a catarse através da liberação de emoções por meio da sua identificação com o texto.

A leitura para ser aplicada como terapia necessita de um mediador, o biblioterapeuta, que é um bibliotecário especializado capaz de identificar o transtorno que acomete o paciente/leitor e indicar o texto mais adequado à sua necessidade. A este processo damos o nome de biblioterapia.

Consideraremos no presente trabalho os pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

As pessoas diagnosticadas dentro do espectro do autismo possuem algumas características comportamentais que afetam a qualidade das interações sociais e a comunicação.

Por conseguinte, é que se buscará neste trabalho entender a aplicação da biblioterapia como coadjuvante no processo de desenvolvimento da socialização e comunicação das pessoas com TEA, pois a leitura de textos apropriados e dirigidos pode contribuir no processo do autoconhecimento, a interiorização de valores e princípios que se deseja transmitir para o indivíduo e conseqüentemente refletindo a exteriorização de uma nova forma do mesmo compreender e ajustar-se à sociedade. A realização do trabalho, portanto, seguirá conforme a questão de pesquisa: Qual a importância da utilização da Biblioterapia como alternativa terapêutica no tratamento de pessoas diagnosticadas dentro do Espectro do Autismo?

Sendo, portanto, o objetivo deste trabalho: Mostrar a importância da utilização da Biblioterapia como alternativa terapêutica no tratamento de pessoas diagnosticadas dentro do Espectro do Autismo. Assim, como objetivos específicos: Explanar sobre a origem e o desenvolvimento da Biblioterapia; Descrever o Transtorno do Espectro Autista - suas prováveis causas e implicações; Identificar o

papel da Biblioterapia na inclusão no meio escolar e no desenvolvimento do indivíduo com Transtorno do Espectro Autista.

Para a realização do trabalho foi utilizada a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, uma vez que, “a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica” (GONSALVES, 2003, p.68).

Para tanto, a pesquisa contou com material bibliográfico, utilizando artigos científicos e revistas especializadas, trabalhos apresentados em Encontros Universitários, assim como Literatura Cinzenta em que continham materiais pertinentes tanto ao que diz respeito à biblioterapia quanto ao Transtorno do Espectro Autista.

Aliado a pesquisa bibliográfica, foi feita uma pesquisa de campo tendo como universo da mesma uma escola pública de ensino fundamental. Utilizou-se como instrumento da pesquisa um questionário com perguntas abertas direcionadas a duas professoras que possuem em suas salas de aula quatro alunos dentro do espectro autista. O intuito foi obter dados que corroborem com o objetivo do presente trabalho. O uso do questionário pareceu mais viável uma vez que houve dificuldade quanto ao tempo disponível das educadoras para qualquer outra atividade que pudesse ser aplicada, como exemplo a entrevista ou grupo focal que incluísse os pais dos referidos alunos e seus respectivos professores.

O resultado obtido com a aplicação do questionário foi discutido de maneira alusiva a cada resposta dada pelas educadoras sobre as questões que aludem sobre a leitura e o aluno com transtorno do espectro autista (TEA).

2 AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS E A EVOLUÇÃO DA BIBLIOTERAPIA

A palavra Biblioterapia etimologicamente está relacionada a dois outros termos de origem grega, quais sejam, “biblio”(βιβλίο) alusivo à livro e “terapia” (θεραπεία) referente a tratamento. Porém, apesar do vocábulo “*biblio*” referir-se a livro, na realidade a Biblioterapia utiliza-se, além deste, de outras ferramentas podendo ser, conforme Alves (1982), “também material audio-visual, a capacidade literária dos pacientes, ou qualquer outro tipo de documento”.

A função terapêutica da leitura remonta à antiguidade, mais precisamente às civilizações do mundo antigo como a Grécia, Egito e Roma. Para essas civilizações a leitura era vista como uma forma de alívio para as pessoas enfermas, ou seja, agindo como terapia coadjuvante ao tratamento, e por este motivo as bibliotecas, repositórios de textos, eram considerados espaços sagrados. Segundo Alves (1982, p. 55):

Há milênios atrás, o faraó egípcio Ramsés II mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a inscrição: “Remédios para a alma”. Entre os romanos do primeiro século, nós vamos encontrar em Aulus Cornelius Celsus, palavras de estímulo ao uso da leitura e discussão dos preceitos dos grandes oradores como forma terapêutica. Na Idade Média, na abadia de São Gall, havia a inscrição: “Tesouro dos remédios da alma”.

Desde então a leitura como uma forma alternativa e coadjuvante ao tratamento de enfermos tem sido utilizada por outros povos ao longo do tempo como expõe Caldin (2009, p. 10):

Na Grécia antiga e na Índia recomendava-se a leitura individual como parte do tratamento médico e, desde o século XIX, nos Estados Unidos da América se utiliza leitura individual em hospitais como coadjuvante no processo de recuperação do doente.

Nos Estados Unidos da América (EUA) as primeiras experiências com leitura individualizada indicada aos pacientes adoentados em hospitais foram realizadas por médicos americanos no período compreendido entre 1802 a 1853. De acordo com Alves (1982 apud Souza, 2003) Benjamim Rush foi considerado um dos primeiros americanos que utilizou a leitura como forma de auxiliar a recuperação de pessoas acometidas por doenças mentais, e “como forma de apoio à psicoterapia,

não só para doentes mentais, mas para pessoas portadoras de conflitos internos, melancolia, medos, manias ou, mesmo para idosos”.

Contudo, somente no ano de 1904 quando uma bibliotecária passa a ser chefe da biblioteca do hospital de Wanderley em Massachussets “é que foi iniciado um programa, envolvendo os aspectos psiquiátricos da leitura, fazendo com que a biblioterapia passasse a ser considerado um ramo da biblioteconomia” (SEITZ apud ALBUQUERQUE et al, 2012).

A partir de então a biblioterapia passa a ser conhecida como uma atividade que implica na leitura de material adequado que posteriormente é discutida por um grupo de pessoas, mas com a presença de um mediador da leitura que chamamos de biblioterapeuta.

Não obstante, o termo biblioterapia viria a ser definido somente no ano de 1941 pelo dicionário médico *Dorlands' Illustrated Medical Dictionary* como o “emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais”(ALVES, 1982 apud Souza, 2003).

É importante enfatizar que antes de surgir o termo atualmente chamado de biblioterapia houve outros que buscavam descrever a atividade da aplicação da leitura como terapia para os acometidos de algum distúrbio de saúde. Dentre os termos encontrávamos consoante Pereira (1996 apud Oliveira et al, 2011): “Bibliodiagnóstico para avaliação, Bibliofilaxia como uso preventivo da leitura, Bibliogomia, Biblioconselho, Terapia Bibliotecária, Terapia de grupo tutelada e Literapia”.

A leitura de textos literários sem o devido acompanhamento e ajuda de um facilitador não se constitui em biblioterapia, pois é necessário que o texto seja adequado a cada circunstância e que o diálogo, a troca de experiências, vivências com os demais do grupo evidenciadas pelas diversas interpretações de cada paciente/leitor seja dirigida, e é neste aspecto que surge a função indispensável de um Biblioterapeuta.

Biblioterapeuta é, de acordo com Oliveira et al (2011), um profissional bibliotecário especializado capaz de atuar nos variados âmbitos da sociedade promovendo a leitura como atividade terapêutica; e considerando o caráter interdisciplinar da biblioterapia este profissional deverá atuar colaborando e contando com a colaboração de outros profissionais oriundos de outras áreas, como enfatiza Caldin (2009), pois se estiver tratando de enfermos hospitalizados estará trabalhando junto a um profissional da saúde; caso esteja atuando em ambiente

escolar, creches e orfanatos estará aliado a um profissional da educação; e no caso da biblioterapia aplicada em prisões e centros comunitários o biblioterapeuta trabalhará em parceria com um assistente social; ainda podemos citar outros especialistas ou técnicos como o psicólogo e o psicoterapeuta.

Conquanto a biblioterapia tenha iniciado como uma forma de cura para os males da alma, como no caso dos povos da antiguidade, atualmente podemos contar com a terapia através da leitura como um auxílio nos diversos tratamentos, seja de natureza psicológica, em crianças, jovens ou adultos; seja de natureza física, atendendo às necessidades de deficientes físicos, e ainda os doentes crônicos e viciados (CALDIN, 2001 apud SOUZA, 2003).

Podemos citar ainda, um pouco mais especificamente, outras possibilidades da utilização da prática biblioterapêutica, que poderá ser realizada com os idosos em asilos onde o material mais conveniente são revistas, jornais, livros que tragam informações pertinentes ao mundo exterior às paredes da casa de repouso; pacientes internados em hospitais cujo papel da leitura é muito importante não somente no seu papel de entreter o paciente/leitor mais também contribuir para uma melhor adequação do enfermo com o tratamento e a convivência hospitalar; também há a leitura terapêutica como ferramenta no processo educacional de pessoas com deficiência visual. Não obstante, existe a aplicação da biblioterapia àqueles que cumprem pena em presídios.

Vale ainda ressaltar que conforme Caldin (2009):“grosso modo, a biblioterapia é dividida em duas categorias: biblioterapia de desenvolvimento e biblioterapia clínica, sendo a primeira desenvolvida por bibliotecários e a segunda, por psicólogos e clínicos”. No caso deste trabalho, está voltado para a biblioterapia de desenvolvimento, por ser aquela que é desenvolvida por bibliotecários.

Mas não é somente uma especialização que transformará um profissional em biblioterapeuta. Como toda profissão, quando assumimos uma determinada função, precisamos possuir algumas características inerentes àquilo que pretendemos realizar, ou seja, precisamos possuir um determinado perfil que se adeque, se encaixe, à atividade que iremos desenvolver.

Pereira (1996 apud Oliveira et al, 2011) identifica algumas habilidades que considera ideais para que um bibliotecário possa de fato ser bem sucedido quando da aplicação da leitura como terapia, quais sejam: “estabilidade emocional, controle

de preconceitos, tolerância, objetividade, paciência, alegria, habilidade, poder de observação, flexibilidade, domínio dos próprios sentimentos”.

Dentre as habilidades supracitadas pela autora o poder de observação, assim como a objetividade sejam essenciais para definir qual o material mais adequado há cada paciente/leitor ou paciente/ouvinte, pois como Oliveira et al (2011) bem lembra, dentre as cinco leis de Ranganathan (bibliotecário indiano) temos o seguinte enunciado que “todo leitor tem seu livro” o que reforça que cada leitura, para que possa surtir efeitos positivos, deve ser específica a cada caso.

O Biblioterapeuta, de acordo com Seitz (2005 apud Oliveira, 2011), deverá entregar ao profissional ao lado do qual está trabalhando um relatório aonde constará informações sobre a evolução do paciente/leitor durante o processo de tratamento para a eventual interpretação, avaliação e direção do acompanhamento.

Essa nova função do bibliotecário é uma respostas às mudanças que estão ocorrendo em nossa sociedade, exigindo que não somente o bibliotecário mais também outras profissões estejam engajadas nas questões de cunho social assim como, de acordo com Pinto (2005, apud Oliveira et al, 2011), motivadas pelas grandes transformações destacando-se “a globalização e as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC)”.

Contudo, a biblioterapia até a primeira metade do século XX flutuava, por assim dizer, sem saber de fato onde estava inserida, ou classificada, ou seja, tratava-se de arte? Pertenceria às ciências? Que tipo de ciências?

Em 1949 Caroline Shrodes defendia a leitura como forma terapêutica na sua tese de doutorado intitulada “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental” (*Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*) na Universidade de Berkeley situada no Estado da Califórnia, Estados Unidos da América, sendo a primeira vez em que a biblioterapia era tratada de forma científica, o que de fato ficou confirmado no ano seguinte, pois foram publicados, aproximadamente, 400 artigos em periódicos científicos (CALDIN, 2001 apud OLIVEIRA et al, 2011).

Para que se possa implantar a biblioterapia de acordo com Caldin (2009) em uma instituição é antes de tudo necessário que um pré-projeto seja apresentado à mesma, compreendendo o elenco das atividades que se pretende desenvolver. Fazendo isto, a implantação fica a cargo da decisão do responsável pela administração da Entidade. Caso seja dado o aval então se dará o passo seguinte que é a realização do diagnóstico do local que poderá ser empreendido por

intermédio de entrevistas e/ou questionários. O momento seguinte é o da elaboração do projeto definitivo onde constará, ainda conforme a autora:

autoria, identificação do local e dos participantes, natureza do projeto, período de realização, carga horária alocada, justificativa, metodologia a ser adotada, recursos humanos, orçamento, cronograma de execução, forma de avaliação e bibliografia de apoio.

2.1 A função terapêutica da leitura

A leitura como uma atividade prazerosa é para o leitor uma fonte de entretenimento, de conhecimento, uma oportunidade de obter informações que irão muitas vezes chocar-se com os seus próprios conhecimentos e entendimentos compondo um novo saber.

Essa comunicação realizada entre o autor e o leitor através do texto é que possibilita o seu desenvolvimento, passando valores sociais, comportamentos moral e eticamente aceito pela sociedade, assim como informações diversas.

Os textos são compostos sempre visando alcançar uma determinada categoria de leitor, por isso deve se adequar aos diversos públicos, como exemplo, os livros destinados às crianças, que quando na sua idade mais tenra são apenas ouvintes, passando pelos livros infanto-juvenis, e chegando a literatura destinada a um público mais adulto.

É interessante perceber a adequação do material de leitura ao leitor/ouvinte assistido. Como podemos observar, os textos infantis são geralmente curtos, com frases curtas e com um tamanho e tipo de fonte que é respectivamente grande e colorida na maioria das vezes. Possuem um carácter lúdico, contando histórias onde geralmente são encontrados animais falantes, fadas, duendes dentre outros. Contos que no fundo contem algum princípio ou costume que se deseja transmitir à criança. Deve ser assim para chamar a atenção das crianças, pois geralmente este público está mais interessado em atividades em que possam se movimentar. Nesta fase a contação de histórias parece ser a mais promissora e adequada forma de chamar a atenção das crianças assim como a interpretação do texto de forma teatral, seja com a utilização de fantoches ou pessoas, também são excelentes opções.

Contudo, a leitura possui uma propriedade muito importante, ela tem uma capacidade de abrandar o sofrimento do paciente/leitor ou em alguns casos o paciente/ouvinte.

Há indícios, Conforme Pereira (1996 apud Oliveira et al, 2011), que a biblioterapia teve um grande impulso no decorrer da Primeira Guerra Mundial, pois, no decorrer dela bibliotecas foram construídas nos hospitais do exército, auxiliados por bibliotecários, a Cruz Vermelha e leigos. Mesmo após o término da Guerra o Comitê de guerra dos Estados Unidos não apenas mantiveram as bibliotecas nas suas entidades hospitalares, mas também procuraram evidenciar o papel positivo que a leitura dos textos exerce como forma de terapia, ou seja, desejavam mostrar para a época que a biblioterapia era de fato importante.

Todavia, como então se dá o processo da biblioterapia no tratamento de enfermos e como ela pode contribuir de fato para uma melhora no estado de saúde de pacientes?

Partindo do princípio que a leitura dirigida e compartilhada com um determinado grupo de pessoas que passam a reconhecer nos personagens do texto traços e elementos em comum com as adversidades que estão enfrentando, levando então à liberação das suas emoções, produzindo, portanto, o alívio da tensão e a purificação da psique através da catarse é que podemos definir como o fundamento filosófico essencial da biblioterapia: a “identidade dinâmica” (OLIVEIRA et al, 2011).

A leitura tem, portanto, esta capacidade de permitir ao leitor/ouvinte a liberação de sentimentos que possam está retraídos, ou mesmo não bem compreendidos. Ainda neste aspecto, Caldin (2001) expõem:

A função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções. Remontando a Aristóteles, observa-se que o filósofo analisa a liberação da emoção resultante da tragédia – a catarse. O ato de excitação das emoções de piedade e medo proporcionaria alívio prazeroso. A leitura do texto literário, portanto, opera no leitor e no ouvinte o efeito de placidez, e a literatura possui a virtude de ser sedativa e curativa.

Outro fator muito importante é o de poder compartilhar suas experiências, após a leitura de um material adequado, em um grupo de pacientes que também enfrentam situações semelhantes. É, portanto, a troca de conhecimento e vivências que fazem com que os mesmos percebam que não estão sozinhos, além do que, a

troca de informações pode oferecer, por vezes, soluções para os demais do grupo, soluções que talvez uma pessoa solitariamente não tivesse condições de enxergar.

3 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O que é o autismo? Bem, o nome na realidade é Transtorno do Espectro Autista (TEA) e passou a chamar-se assim a partir do ano de 2013 conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais na sua 5ª edição (DSM-5), pois antes havia, por exemplo, a distinção entre o autismo e a Síndrome de Asperger, ficando agora ambos englobados pela mesma denominação. Agora a Síndrome de Asperger é considerada uma forma branda de autismo.

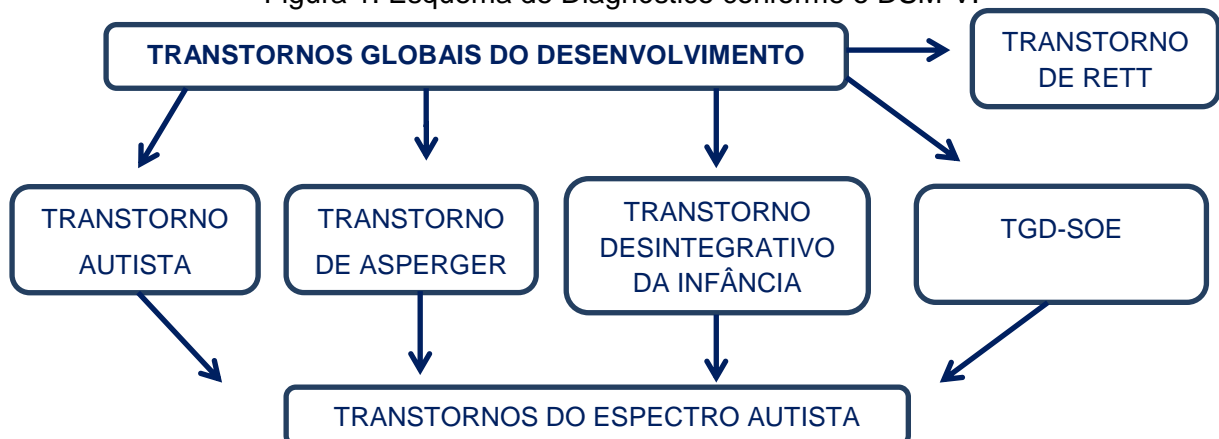
Vale ressaltar que em 1980 na 3ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III) o autismo ficou classificado dentro dos transtornos globais do desenvolvimento (APA, 1980 apud BRITO, VASCONCELOS, 2016).

Na DSM-IV, publicada em 1994, esses transtornos globais ficaram distribuídos em cinco subtipos comportamentais, a saber:

- Transtorno autista (autismo clássico);
- Transtorno de Asperger;
- Transtorno desintegrativo da infância (síndrome de Heller);
- Transtorno de Rett;
- Transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação (TGD-SOE).

E por fim, na última DSM-5 de 2013 (APA, 2013 apud BRITO, VASCONCELOS, 2016) houve modificações quanto a orientações relacionadas ao diagnóstico, assim como alterações conceituais significativas. Os subgrupos acima descritos conforme a DSM-IV, com exceção do transtorno de Rett, foram reunidos sob um único diagnóstico, o de Transtorno do Espectro Autista ou TEA (BRITO, VASCONCELOS, 2016).

Figura 1: Esquema de Diagnóstico conforme o DSM-V.



É interessante citar que mesmo durante a vigência da DSM-IV mesmos os pesquisadores não haviam chegado a um consenso se de fato havia alguma diferença entre a Síndrome de Asperger e o Autismo de Alta Funcionalidade (AAF).

No decorrer deste trabalho haverá momento em que irei me referir ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) somente como autismo e dessa forma estarei me referindo tanto à Síndrome de Asperger quanto ao autismo Clássico quando citar artigos onde estes diagnósticos ainda eram diferenciados.

Outro ponto importante a ressaltar é que a pesquisa de campo, realizada através da aplicação de um questionário, entregue a duas professoras de escolas públicas de Ensino Fundamental envolveu crianças que possuem o grau leve e moderado de autismo..

3.1 O Autismo

A expressão Autista foi utilizada pela primeira vez por Bleuler no ano de 1911 e designava a impossibilidade de comunicação do indivíduo pela perda do contato com a realidade (GADIA, TUCHUMAN, ROTTA apud ALBUQUERQUE et al, 2012).

Quanto a origem etimológica da palavra autismo pode-se dizer que:

Esse termo na verdade, deriva do grego (autos = si mesmo + ismo = disposição/orientação) e foi tomado emprestado de Bleuler (o qual, por sua vez, subtrai o “eros” da expressão autoerotismos, cunhada por Ellis, para descrever os sintomas fundamentais da esquizofrenia. (BOSA, 2002 apud MARINHO, MERKLE, 2009).

Não obstante, a definição do Autismo somente ocorreria no ano de 1943 com o então psiquiatra austríaco Leo Kanner no seu artigo intitulado “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo ((Autistic disturbances of affective contact) publicado na revista *Nervous Children*, número 2, páginas 217-250.

A pesquisa de Kanner foi motivada após ter realizado observações no comportamento de onze crianças em seu consultório. Elas apresentavam desde o início de suas vidas um isolamento social extremado, ressaltando este como o sintoma fundamental, “o isolamento autístico”, e uma persistência obsessiva pela preservação da rotina, então ele as chamou de “autistas”.

A denominação Síndrome de Asperger (SA) é devida aos estudos realizados pelo médico psiquiatra e pediatra austríaco Hans Asperger.

Por volta do ano de 1943 enquanto Kanner estudava as crianças com autismo clássico, Asperger desenvolvia sua tese de doutorado considerando em sua pesquisa crianças que possuíam uma forma mais branda do autismo, ou seja, um tipo de autismo de alto funcionamento no qual apesar de apresentar dificuldades na área social essas crianças não manifestavam “atraso ou retardo global do desenvolvimento cognitivo da linguagem”.

Contudo, os trabalhos realizados por Hans Asperger somente foram de fato conhecidos quando uma médica inglesa, Lorna Wing, realizou em 1981 a tradução da obra de Asperger e a publicou na revista “*psychological Medicine*” com o nome de “*Asperger’s Syndrom: a Clinical Account*” (PERPRAZIO, 2009 apud CARVALHO, SOUZA, CARVALHO, 2014).

Os Estudos realizados por estes dois médicos pesquisadores foi muito importante, pois, ainda conforme os autores supracitados, antes essas crianças com Transtornos do Espectro Autista eram consideradas como retardadas, externando distúrbio tanto no âmbito social quanto emocional.

De um modo geral, o autismo possui algumas características que podem se manifestar com menor ou maior intensidade:

É consenso dos autores na área em afirmar que os indivíduos com esse transtorno possuem comportamento e interesses restritos, repetitivos e estereotipados, adotam uma rotina permanente, apresentam restrição numa área de interesse, podem insistir bruscamente em algo e ainda, podem apresentar anormalidades na postura. (GARCIA, MOSQUERA, 2011).

Quanto às causas que podem conduzir ao autismo atualmente aceita-se como mais provável a neurológica.

Conforme estudos das causas neurológicas do autismo evidenciou-se que o cérebro de pessoas autistas possuem alterações em determinadas áreas como a amígdala, cerebelo, giro do cíngulo, gânglios da base, hipocampo, corpo caloso, tronco cerebral dentre outras (GARCIA, MOSQUERA, 2011). Estas pesquisas possuem o intuito de encontrar a razão de o indivíduo desenvolver a referida síndrome e, além disso, ter condições de compreender de forma mais contundente o funcionamento do cérebro de pessoas com autismo o que possibilitará encontrar novas maneiras de tratamento.

Ainda conforme os autores supracitados, os sintomas assim como as mutações genéticas ocorrem por defeitos quanto à comunicação das diversas áreas

do cérebro e através do estímulo a essas áreas cerebrais, por meio de terapia, poder-se-ia estimular o surgimento de novas conexões neurais de modo que essas falhas fossem supridas.

Essas alterações no cérebro podem nos dar respostas importantes quanto ao comportamento social do autista, a exemplo podemos citar a amígdala que possui um papel muito importante no tocante à cognição social que:

[...] é o processo neurobiológico que permite tanto humanos como animais interpretar adequadamente os signos sociais e, conseqüentemente, responder de maneira apropriada. Outra definição poderia corresponder ao processo cognitivo que elabora a conduta adequada em resposta a outros indivíduos da mesma espécie, especificamente, aqueles processos cognitivos que sustentam as condutas sociais extremamente diversas e flexíveis. (ADOLPHS, 1999 apud BUTMAN, ALLEGRI, 2001).

Portanto, a capacidade de interpretar corretamente as diversas situações a que somos submetidos quando estamos inseridos no meio social pode se tornar algo extremamente difícil e fatigante dependendo do comprometimento da amígdala na pessoa que possua tal disfunção, pois, como exemplo, não saberá interpretar corretamente as expressões faciais, porquanto:

Os pacientes com autismo, que possuiriam anormalidades estruturais ou funcionais na amígdala, não têm capacidade de atribuir um estado mental ou inferir uma emoção em outra pessoa através do olhar. Isso foi demonstrado através de estudos funcionais e deu lugar à teoria do transtorno amigdalino no autismo. (BARON-COHEN, COLS, 1994,2000 apud BUTMAN, ALLEGRI, 2001).

Por conseguinte, tal comprometimento afeta diretamente a capacidade do indivíduo com autismo de ser capaz de interagir socialmente, de forma a compreender corretamente a emoção que está sendo transmitida. Essa dificuldade pode inclusive nos dar a falsa impressão de que o autista é uma pessoa sem emoção, que não se importa com os sentimentos alheios, porém isto não é verdade.

Contudo, é certo que se uma pessoa é incapaz de compreender os signos sociais e a elas corresponder de forma adequada, então podemos concluir que esta terá muitos inconvenientes no tocante às interações sociais, uma vez que:

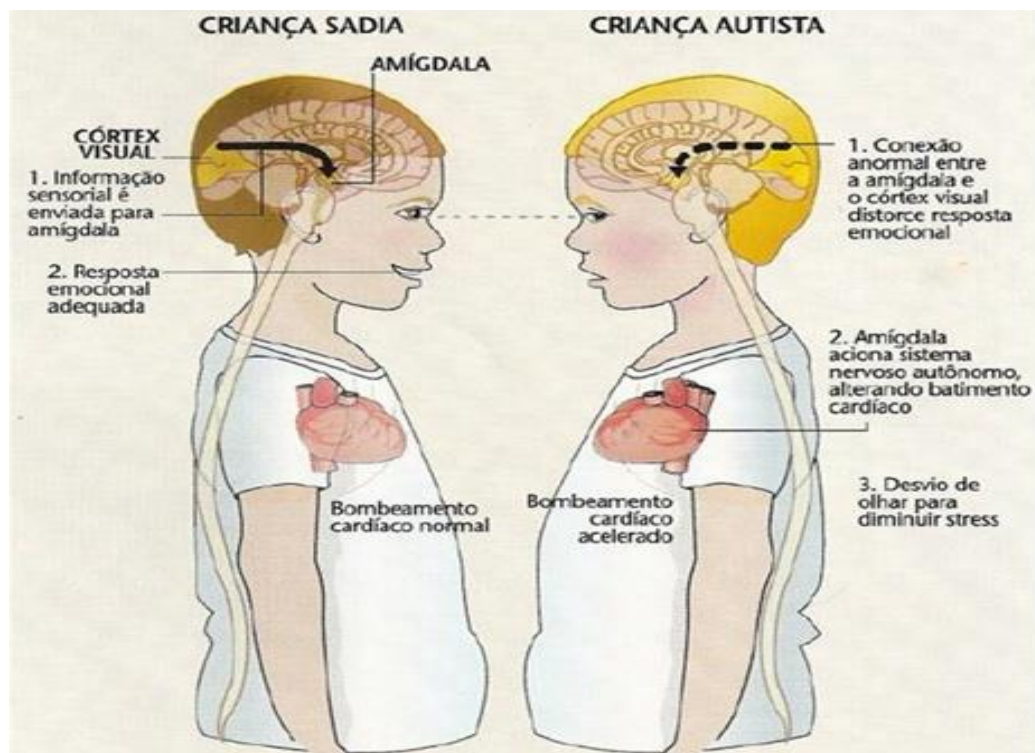
a percepção do estado emocional de uma face é uma das funções perceptivas complexas mais estudadas. Haxby e colaboradores (2000) propõem que a percepção dos aspectos que se alteram na face (os quais seriam os sinais mais importantes para uma correta interpretação dos

signos sociais, como a expressão emocional do pânico) é processada no sulco temporal superior e na amígdala, sobretudo na direita. (BUTMAN, ALLEGRI, 2001).

Atualmente, muitos de nós já ouvimos falar ou sabemos da convivência com pessoas autistas do incômodo que é para elas comunicar-se tendo que manter contato visual olho no olho com seu interlocutor. Apesar de que este fenômeno pode manifestar-se ou não no indivíduo ou ainda apresentar-se em diferentes intensidades, como bem evidencia Alonso (2015, p.9) em entrevista à psicóloga e psicopedagoga Mariana Arend de Paula Xavier:

A dificuldade para estabelecer contato visual não é uma regra, porém pode estar presente em alguns casos. "Para o diagnóstico do transtorno, é necessário que haja dificuldades de comunicação, interação social e interesses restritivos e repetitivos, mas a forma como essas características acometem cada um dos indivíduos é extremamente diversificada", explica Mariana. De acordo com a psicóloga, o grau de comprometimento pode variar de acordo com cada caso.

Figura 2: Contato visual com criança autista.



Fonte : <http://morfofisiologiafsg.blogspot.com.br/2011/11/autismo.html>

Novamente, vemos uma oportunidade de explicação fornecida pelo estudo da neurociência para a ocorrência do fato de alguns autistas possuir dificuldade em

comunicar-se mantendo olho no olho com seu interlocutor, uma vez que a má comunicação entre o córtex visual e a amígdala, como ilustra a figura 2, causa na criança autista uma mudança em seu estado emocional, altera o seu batimento cardíaco e este desconforto culmina com o desvio do olhar da direção dos olhos da pessoa com quem está tentando se comunicar.

Ou seja, o trabalho de pesquisa das causas neurológicas do autismo parece muito promissor no sentido de, em um futuro próximo, será possível uma melhor compreensão do que é, como se desenvolve na pessoa e qual a melhor forma de tratamento deste transtorno do neurodesenvolvimento.

Alguns pesquisadores já realizaram testes utilizando-se da ressonância magnética na tentativa de obter mais informação a respeito da formação neurobiológica dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA):

Os investigadores usaram uma técnica chamada ressonância magnética por emissão de prótons (ou “¹H-Sra”, porque “¹H” é o símbolo químico para um próton). Este método mede a concentração metabólica do cérebro (da “ruptura produtos para baixo” envolvidos na produção de energia. A concentração de medição do metabolismo dá aos investigadores um retrato total do estado dos neurônios numa área particular do cérebro. (TEIXEIRA, 2005, p. 6).

Contudo, ressalto que para alguns autores, como Brito; Vasconcelos (2016) essas alterações na formação do cérebro de uma pessoa autista, mesmo com os avanços da neurociência, ainda não são suficientes para a realização de um diagnóstico ou correlacionar conclusivamente essas anormalidades com as causas do autismo, uma vez que:

a causa do autismo ainda não é conhecida. As teorias para explicar o enigma do autismo proliferam e vários fatores têm sido implicados na patogenia do autismo, incluindo fatores genéticos, imunológicos e ambientais. [...] Descreveram-se anormalidades anatômicas em diversas áreas do cérebro, mas os achados não são suficientemente consistentes para permitir alguma conclusão. Nos casos em que o comportamento autista esteja associado a uma determinada doença, os exames neurorradiológicos estruturais podem evidenciar anormalidades próprias da doença subjacente. (BRITO, VASCONCELOS, 2016).

Não obstante, o Autismo, que é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, pode se manifestar em três níveis diferentes: leve, moderado ou grave.

Podemos melhor visualizar no quadro abaixo esses diferentes níveis com os respectivos comprometimentos e implicações.

QUADRO: Nível de gravidade do Autismo conforme o DSM-V

NÍVEL DE GRAVIDADE	COMUNICAÇÃO SOCIAL	COMPORTAMENTOS RESTRITIVOS E REPETITIVOS
<p>NÍVEL 1 EXIGINDO MUITO APOIO SUBSTANCIAL</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Prejuízos intensos na capacidade de comunicação social verbal e não verbal; ◦ Dificuldades severas em dar início a interações sociais; ◦ Pouca resposta quando as pessoas dão abertura para iniciar uma comunicação. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Inflexibilidade de comportamento; ◦ Dificuldade severa para lidar com mudanças e ações restritas ou repetitivas; ◦ Sofrimento para mudar o foco ou ações.
<p>NÍVEL 2 EXIGINDO APOIO SUBSTANCIAL</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Sérias dificuldades nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; ◦ Prejuízos sociais notáveis mesmo com auxílio; ◦ Limitação ao iniciar interações sociais; ◦ Resposta anormal a aberturas sociais de outras pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Inflexibilidade de comportamento; ◦ Relutância em lidar com mudanças e ações restritas e repetitivas frequentes, sendo notados por observadores e interferindo em outros contextos; ◦ Sofrimento para mudar o foco ou ações.
<p>NÍVEL 3 EXIGINDO APOIO</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Quando não têm apoio, apresentam dificuldade na comunicação social, com 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Inflexibilidade de comportamento, interferindo no funcionamento de um ou

	danos perceptíveis; ◦ Complicações para iniciar interações sociais e respostas incomuns ou inexistentes a aberturas das pessoas; ◦ Pouco interesse por interações sociais.	mais contextos; ◦ Dificuldade em trocar de atividade; ◦ Problemas de organização e planejamento, que interferem na conquista da independência.
--	--	--

Fonte: Revista Ler & Saber Ano 1, nº 1 – 2015, p.21

3.2 Crianças autistas e sua inclusão no meio escolar

O autismo é um transtorno que afeta a capacidade do indivíduo comunicar-se, causando prejuízo na sua interação social, soma-se a isto a existência de interesses restritos em algumas áreas específicas e a resistência a mudanças nas suas rotinas diárias. Podem ser intolerantes a determinados sons ou ambientes barulhentos. Contabilizando estes fatores é que devemos buscar formas de contribuir satisfatoriamente para a formação de uma criança autista que esteja inserida no contexto escolar.

Outro aspecto a ser considerado é o preconceito. Porquanto, no decorrer desta pesquisa participei de uma reunião na ONG APAN – Amigos e Pais dos Autistas de Ananindeua que tinha como objetivo principal tratar sobre os preparativos para a realização da caminhada do Dia Mundial da Conscientização do Autismo que ocorreu no dia 02 de abril de 2016. Esta data foi criada pela Organização das Nações Unidas com a finalidade de informar as pessoas a respeito do autismo e dessa forma diminuir o preconceito contra as pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Na ocasião tive a oportunidade de conversar com alguns pais e responsáveis por crianças e jovens autistas. No relato destes percebi o quanto ainda é grande o desconhecimento sobre o autismo pela comunidade escolar, o que é uma das principais causas do preconceito.

Um exemplo disso foi a declaração de uma mãe de uma criança autista, criança esta que frequenta uma escola pública da rede Estadual de Ensino no município de Ananindeua/Pa e necessita de atendimento especial, sendo que em

determinadas situações a mesma é liberada antes que os demais alunos, ou em outras situações ocorre que a aluna não é obrigada a permanecer em sala de aula, por esse motivo uma mãe de um outro aluno (neurotípico ou “normal” como costuma-se dizer) reclamou dessa situação e quando lhe foi explicado que a aluna era especial a mãe respondeu que seu filho também era especial.

Além desse caso, muitos são os obstáculos que uma criança autista enfrentará. Alguns destes obstáculos podem até mesmo partir dos seus próprios pais, como segue o relato da mãe da criança acima citada. A mãe no início relutou contra a possibilidade da filha ser autista, dizia ser apenas birra, que era apenas uma fase, apesar dos educadores da escola já terem alertado que a menina apresentava comportamentos não necessariamente usuais para uma criança, como a ecolalia, que consiste em repetir sílabas, palavras ou frases escutadas de outras pessoas ou comerciais de TV, etc.; o isolamento social e estereotípias (como se arremessasse uma bola).

Contudo, somente quando o irmão da referida mãe, que é formado em uma área da Educação, observou o comportamento da criança e comunicou que esta provavelmente poderia ser autista é que, por fim, a mãe decidiu procurar ajuda profissional.

É difícil para uma mãe ou pai, assim como a família, aceitar logo de início que o filho possui alguma limitação, seja ela física ou mental. A tendência é que esta atravesse algumas etapas antes de aceitar o diagnóstico e por fim buscar meios para melhor conciliar-se com a nova situação, visto que:

além da decepção inicial, em uma série de situações críticas, geralmente acompanhadas de sentimentos e emoções dolorosas e conflitantes. Neste processo, as famílias passam por diversas fases cíclicas, incluindo o choque inicial da descoberta, a negação do diagnóstico, e busca por “curas milagrosas”, o luto, a depressão, até que possam entrar no estágio de aceitação e adaptação. (GLAT, 1996 apud COSTA, GONÇALVES, CAMPOS, 2012).

O acima exposto corrobora o desconhecimento de muitas pessoas do que vem a ser o transtorno autista, das dificuldades que este enfrenta para tentar compreender o mundo não literal da convivência social e no qual está inserido, pois além do atraso no desenvolvimento da linguagem existe a incapacidade de entender figuras de linguagens como as metáforas. Para ter-se uma noção aproximada do que uma pessoa autista compreende quando dialoga com uma pessoa neurotípica

seria como “um diálogo de realistas (autistas) com surrealistas” (SACKS, 1995 apud GARCIA, MOSQUERA, 2011).

Por essa razão deve-se buscar inserir o aluno autista na escola comum, porém, com um olhar diferenciado no que se refere na adaptação do ambiente educacional às dificuldades de cada aluno com limitações físicas ou psicológicas. Não obstante, essa inclusão da criança com necessidades especiais difere do simples fato desta vir a frequentar o mesmo espaço que as demais crianças neurotípicas, ou seja, não é por estar compartilhando a mesma sala de aula, ou demais dependências da escola que pode ser dito que a criança especial está adaptada ao meio que a circunda, pois como Camargo e Bosa (2009 apud Costa, Gonçalves, Campos, 2012) bem diferencia uma coisa da outra:

Enquanto na integração investe-se na possibilidade de indivíduos com deficiência frequentarem escolas comuns de ensino, cujo currículo e método pedagógicos estão voltados para crianças consideradas “normais”, na inclusão muda-se o foco do indivíduo para a escola. Neste caso, é o sistema educacional e social que deve adaptar-se para receber a criança deficiente.

Isto é, Não basta que o aluno com necessidades especiais esteja frequentando as aulas com os demais alunos em uma escola de ensino regular se não puder participar efetivamente das atividades desenvolvidas em sala de aula. Pois fazê-lo seria apenas colocar uma pessoa que necessita de adaptações em seu meio físico e psicológico em uma situação desfavorável que causaria não somente desconforto, mas também falta de interesse por parte deste aluno que culminaria com o atraso no seu desenvolvimento escolar e social e até mesmo a evasão ou abandono das aulas. E neste sentido ainda:

temos muitos desafios a enfrentar para atingir a educação como direito de todos. Um deles é não permitir que esse direito seja traduzido meramente como cumprimento da obrigação de matricular e manter alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns. [...] Nesse caso, eles podem ter acesso à escola, ou nela permanecer, apenas para atender a uma exigência legal, sem que isso signifique reconhecida de sua igualdade de direitos. (MANTOAN, 2006 apud COSTA, GONÇALVES,CAMPOS, 2012).

Assim, uma criança com Transtorno do Espectro Autista necessita na realidade de uma equipe multidisciplinar, como fonoaudiólogo, psicólogo, terapeuta

ocupacional, fisioterapeuta, psiquiatras, dentre outros que possam atender à necessidade particular de cada indivíduo dependendo do seu grau de autismo.

Nesse sentido, em conformidade com Santos (2014) em 2012 foi promulgada a Lei 12.764 que ficou conhecida como a Lei Berenice Piana em homenagem a uma mãe que lutou pelos direitos do seu filho autista.

Ainda conforme a autora supracitada esta Lei tem o intuito de estabelecer a “Política Nacional de Proteção dos Direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista e diretrizes para sua consecução”. Esta Lei dispõe sobre a garantia que a pessoa com transtorno do espectro autista tem de ser assistido tanto no seu direito ao acesso à educação quanto à assistência, ou seja, caso venha a ter necessidade de acompanhamento especializado para o seu melhor ajustamento e conseqüentemente seu desenvolvimento. Isto fica expresso através do Art. 3º, inciso IV, alínea a, aliado ao parágrafo único, *in verbis*¹

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

IV – o acesso:

a) à educação e ao ensino profissionalizante;

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.

Isto se faz necessário para dar a família condições de arcar com todas as diversas formas de tratamento, que como já vimos pode incluir diversos profissionais especializados, sendo imprescindível, portanto, que o Poder Público forneça e ampare essas crianças com deficiências, assim como a família deste, ou seja, é necessário que a administração pública esteja ciente das necessidades de alunos e de suas respectivas famílias, como expõe Santos (2014):

O autismo tem reflexos na vida da criança e da sua família, nos aspectos econômico, social e emocional. Em vista disso, a criança e a família precisam de ajuda do Poder Público, que em muitos casos se faz imprescindível dado a impossibilidade financeira de se arcar com a educação inclusiva em conjunto com as variadas intervenções de tratamento.

¹BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção Dos Direitos da Pessoa Com Transtorno do Espectro Autista; e Altera o Parágrafo 3 do Artigo 98 da lei 8.112, de Dezembro de 1990. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, p. 12764, 27 dez. 2012.

4 BIBLIOTERAPIA APLICADA AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

A biblioterapia conforme Albuquerque et al (2012) é um recurso psicoterapêutico que se desenvolveu em hospitais e clínicas de saúde mental, com a finalidade de buscar a cura e o restabelecimento dos pacientes que possuíam algum transtorno de natureza emocional ou comportamental.

O que se pretende com a Biblioterapia aplicada aos portadores de autismo é possibilitar o seu autoconhecimento através da reflexão e a sua socialização, pois, uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista – TEA possui algumas características que estão relacionadas ao comportamento, a interação social e a comunicação e que dificultam, portanto, o bom convívio social e conseqüentemente o seu pleno desenvolvimento.

Não obstante, o papel da Biblioterapia, ou seja, seu propósito é justamente fazer com que o leitor desenvolva algumas habilidades que facilitem a interação social, a comunicação, adaptação ao meio onde se está inserido, uma vez que, consoante Caldin (2002 apud Souza, 2003) a biblioterapia tem por escopo alcançar os seguintes objetivos:

- a) favorecer a identificação do paciente com os personagens das histórias;
- b) ajudar o paciente a entender melhor suas limitações, reações, conflitos e frustrações;
- c) facilitar a comunicação do paciente com a equipe médica;
- d) aumentar a autoestima, diminuir a timidez e estimular a criatividade do paciente;
- e) aliviar tensões diárias;
- f) facilitar a socialização pela participação em grupo;
- g) criar um universo independente da vida cotidiana, e
- h) auxiliar o paciente (se em caso de internação) na adaptação à vida hospitalar.

O Indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode interiorizar as diversas maneiras de interações sociais, comportamentos adequados às diversas situações impostas pelo convívio social, assim como conceitos intelectuais através da leitura de material adequado e adaptado ao grau do autismo, portanto, a terapia através da leitura cumpre esta função, uma vez que “a biblioterapia auxilia o

autoconhecimento pela reflexão, pois reforça padrões sociais desejáveis, proporcionando desenvolvimento emocional através das experiências vicárias e auxilia na mudança de comportamento”. (CALDIN, 2001 apud ALBUQUERQUE et Al, 2012).

Hosbon (1995 apud Teixeira, 2005) “postulou que crianças com AS têm incapacidade para interagir emocionalmente com os outros, portanto, a criança com Autismo não recebe as experiências necessárias para desenvolver as estruturas cognitivas para a compreensão”.

Entretanto, as crianças autistas podem interiorizar princípios e regras de convívio social, é como Teixeira (2005) expressa que “a linguagem corporal e a comunicação não-verbal podem ser ensinadas da mesma maneira que se ensina uma língua estrangeira”. Ainda conforme o autor as crianças são capazes de aprender “a como interpretar expressões não-verbais, emoções e interações sociais” o que tem como benefício o melhor ajustamento social no seu processo de amadurecimento.

Vale ainda ressaltar neste aspecto o que diz Teixeira (2005):

As abordagens psicoterapêuticas com enfoque na terapia comportamental, a aprendizagem de competências sociais são mais efetivas do que as terapias centradas na emoção, que pode ser bastante desconfortável ou estressante para estas crianças.

Conforme Bamberger (1991 apud Souza, 2003) “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade” e é isto que se pretende alcançar com a Biblioterapia aplicada a indivíduos autistas, isto é, capacitá-los para compreender adequadamente os sinais sociais para serem capazes de melhor compreenderem o mundo ao seu redor, e dessa forma interagir socialmente de forma apropriada.

Essa leitura poderá ser desenvolvida em grupo, o que não somente será muito benéfico para a socialização, da mesma forma que um bom livro é capaz de elucidar situações que antes para o leitor eram obscuras, difíceis de compreender, sem contar que a troca de ideias e experiências entre os participantes do grupo fornecerá, por vezes soluções advindas da vivência das outras pessoas, posto que:

A leitura de livros pode ajudar o paciente no processo de socialização, oferecendo algo que ele possa compartilhar, possibilitando a troca de ideias

com outras pessoas; geralmente as pessoas podem encontrar novos caminhos e atitudes através dos livros. Finalmente um valor terapêutico de bom relacionamento que pode ser encontrado nos livros, embora não se tenha dado muito valor a isto. (PEREIRA, apud SOUZA, 2003, p. 18).

Também, como já foi dito antes, é relevante evidenciar e relembrar a questão das características que o biblioterapeuta deve possuir para o sucesso da terapia através da leitura, contudo, agora confrontando com as peculiaridades que se deve ter, como mediário de crianças com TEA, pois como bem identificou Pereira (1996 apud Oliveira et al, 2011) o biblioterapeuta deverá possuir: “estabilidade emocional, controle de preconceitos, tolerância, objetividade, paciência, alegria, habilidade, poder de observação, flexibilidade, domínio dos próprios sentimentos”, e por outro lado essas características acima citadas estão de acordo com os aspectos que Hans Asperger delineou para que o professor, como o mediador no processo do aprendizado, possa ser bem sucedido quando no trato com crianças autistas, escrevendo portanto:

[...] estas crianças frequentemente mostram uma surpreendente sensibilidade à personalidade do professor (...) E podem ser ensinados, mas somente por aqueles que lhes dão verdadeira afeição e compreensão. Pessoas que mostrem delicadeza e, sim, humor. (...) A atitude emocional básica do professor influencia, involuntária e inconscientemente, o humor e o comportamento da criança. (ASPERGER apud TEIXEIRA, 2005, p. 8).

O biblioterapeuta, como evidencia Albuquerque et al. (2012, p.1), deverá conhecer a fundo a situação de cada paciente para ser capaz de avaliar o impacto que a indicação de uma determinada leitura terá sobre o indivíduo.

Por conseguinte, crianças autistas podem possuir interesse acentuado em determinados assuntos em detrimento de outros, então cabe ao biblioterapeuta, com a devida compreensão das necessidades e dificuldades de cada leitor/ouvinte, através do poder de observação, perceber quais os interesses da criança autista, bem como suas peculiaridades e carências para que possa escolher uma literatura adequada.

Como exemplo, podemos imaginar uma criança autista que adora tudo e todo o tipo de informação que esteja correlacionada aos dinossauros, situação essa que podemos chamar de “persistência na mesmice”. Imagine o quão difícil será chamar a atenção desta criança para outros assuntos diversos da área do seu interesse.

Uma solução possível, para o problema supracitado, seria buscar leituras ou histórias que possuam, portanto, os grandes répteis, ou se necessário adaptá-las, pois se o intuito é passar informações sobre assuntos alusivos às ciências, por exemplo, então podemos falar da água, da atmosfera, dos vegetais, desde que estes animais estejam presentes na história.

Considerando que o biblioterapeuta escolha a contação de histórias como instrumento da terapia, um fator relevante, será a escolha da linguagem que será empregada na história a ser contada ou lida, pois o mais apropriado é dar preferência a textos que possuam um conteúdo mais concreto, ou seja, deve-se evitar o uso demasiado de figuras de linguagem, pois crianças autistas possuem dificuldade em compreender sarcasmo, por exemplo. E podemos acrescentar, como resultado da pesquisa de campo realizada, que as histórias não devem ser longas para que a criança autista não perca o interesse.

A criança autista tende a compreender o mundo que a cerca de forma mais literal, tendo dificuldades para compreender figuras de linguagens ou expressões populares do tipo “hoje vai chover canivete”. Consoante à pesquisa de campo realizada, a educadora que possui alunos autistas em sua sala de aula recomenda o uso de leitura simples e direta, pois dessa forma a criança compreenderá de maneira mais simples, apesar de haver crianças autistas que conseguem transpor esta dificuldade.

“Estudos também indicam uma incapacidade dos autistas em distinguir aparência de realidade, entre algo que parece e algo que é de fato” (GARCIA, MOSQUERA, 2011), por conseguinte, mais um motivo para se evitar textos muito carregados de figuras de linguagens.

Por fim, a Biblioterapia é sem sombra de dúvida mais uma ferramenta que os pais e demais profissionais que lidam com crianças autistas podem usufruir para auxiliar na busca do desenvolvimento das mesmas. A leitura, que desde os tempos mais remotos na antiguidade vem tratando dos transtornos da alma, simples, prazerosa, acessível e acima de tudo poderoso meio de edificação do ser, nos possibilitando compreendermos a nós mesmos, compreender o mundo ao nosso redor e sermos compreendidos. Porquanto, consoante Ouaknin (1996 apud Souza, 2003) “a leitura é uma projeção do texto como mundo. Esse ‘mundo do texto’ descoberto na leitura entra necessariamente em colisão com o mundo real para ‘refazê-lo”.

5 RESULTADO DA PESQUISA

A criança autista tem, como uma de suas características, uma tendência ao isolamento social, na escola socializa com os demais alunos da classe dentro de seus limites.

Para poder obter uma melhor visão de como a leitura pode influenciar de forma positiva na participação deste discente nas atividades de sala de aula, assim como um instrumento de inclusão, foi aplicado um questionário totalizando seis questões relacionadas com a leitura e o aluno autista. Esse questionário foi entregue a duas professoras que ministram aulas para o ensino fundamental em uma escola pública no município de Ananindeua/Pa, sendo que em suas turmas há crianças com transtorno do espectro autista.

Para resguardar a privacidade das pessoas que se propuseram a responder o questionário e concederam informações sobre os seus alunos com necessidades especiais, tanto quanto os seus respectivos alunos, serão referidas no texto pela função que desempenha, no caso professora, seguida do uso de letras do Alfabeto em maiúsculo. Ficando, portanto, professora A e professora B.

A partir do questionário aplicado, analisar-se-á, em seguida, cada pergunta e sua respectiva resposta.

A primeira pergunta do questionário versa sobre o nível de leitura que uma criança com TEA cursando o ensino fundamental regular geralmente possui. Como resposta obteve-se:

Professora A: Silábico (pois na maioria das vezes esse aluno conhece o alfabeto).

Professora B: Nível de leitura baixo.

O que percebemos é que os alunos autistas que frequentam o ensino regular possuem, na sua maioria, a capacidade cognitiva da leitura, por mais que esta seja em um nível baixo. Isto demonstra a possibilidade deste aluno interagir e absorver conhecimentos e valores a partir da leitura. Para uma criança com TEA este fato já é em si um grande passo para o desenvolvimento do mesmo, pois dará a este a possibilidade de com a sua evolução ser capaz de conhecer e escolher seu próprio caminho dentro do vasto mundo do conhecimento humano; seja a Matemática, a Física, Astronomia, Informática, Engenharia, Música, ou o que suas aptidões o permitir.

A segunda questão indaga se as professoras utilizam alguma metodologia que envolva a leitura de textos para a criança autista e se utilizam, como esta ocorre? E as respostas foram as seguintes:

Professora A: Sim, através da leitura de imagens.

Professora B: Sim, é usado jogos de palavras curtas e frases pequenas, na fabricação do jogo, por exemplo, você escreve “casa” e mostra o desenho da mesma, fazendo-o por vários dias até que o professor veja o resultado positivo.

De forma unânime as professoras responderam sim, quer dizer, utilizam-se do mesmo método, qual seja, o visual, utilizando-se de jogos de palavras e figuras que representam as imagens das mesmas com os quais o professor leva o aluno a associar as palavras aos objetos, podendo este processo ser repetido durante o tempo necessário para que a criança autista possa relacioná-los e absorvê-los.

Na terceira questão abordou-se o seguinte: A criança autista pode apresentar interesse em um assunto específico e neste persistir durante a maior parte do seu tempo, como exemplo, assuntos relacionados aos dinossauros, trens, etc. e às vezes até mesmo recusar-se a aprender algo que esteja fora do âmbito do seu interesse. Portanto, foi perguntado se nessa situação deve-se procurar adequar o conteúdo que se deseja transmitir à criança a sua respectiva área de interesse, e se caso afirmativo como isto pode ocorrer, pedindo que citassem algum exemplo. Ao que responderam:

Professora A: Sim, por exemplo, todos os autistas que trabalhei gostavam muito de cálculo mental, por isso a importância dos jogos eletrônicos e até mesmo manuais.

Professora B: O interesse por algo específico é sempre grande para a criança autista, porém é necessário que se entenda que existem outras coisas e outros métodos de adequação de conteúdo, como exemplo: se o aluno gosta de jogos eletrônicos diga a ele que fará uma troca, que é necessário que se faça a atividade, que nos últimos 5 minutos você dará o brinquedo a ele depois que tudo tiver pronto, vá alternando, um dia você dá e no outro diga que seu tempo acabou, a criança ficará chateada, mas vai passar.

Como se pode observar, de fato a criança autista possui geralmente um interesse em uma determinada atividade ou objeto, como é o caso do cálculo mental e jogos eletrônicos e até mesmo manuais. Como uma forma de adequar-se a esta característica da criança autista o educador poderá utilizar-se destes meios como

um veículo ou canal de transmissão de informação. Mas também, deverá incentivar o aluno autista a deixar de lado, mesmo que seja por um determinado tempo, as suas predileções sugerindo uma troca entre esta e outras tarefas que precisam ser desenvolvidas.

Na quarta questão foi colocada a seguinte situação: as pessoas diagnosticadas dentro do espectro do autismo possuem algumas características comportamentais que afetam a qualidade das interações sociais e a comunicação. Portanto, foi perguntado se a leitura de textos adequados e dirigidos, como estórias, contos, etc. pode contribuir no processo de desenvolvimento da socialização e comunicação das pessoas com TEA e caso a resposta seja positiva como esta atividade será desenvolvida, cite um exemplo. As educadoras responderam:

Professora A: Sim, o barulho, eles precisam de silêncio e o momento da leitura é importante para a turma, para eles conseguirem interagir.

Professora B: Nenhum autista é igual ao outro, é preciso conhecer o que se trás na bagagem, conversando com a família e tal... A leitura para alguns funciona, já para outros não, os que aceitam a leitura, por exemplo, podendo ser introduzida na hora de dormir, ou em um dia de semana para tal atividade, procurando saber sempre o que lhe chama a atenção. Para que se tenha a sua atenção histórias curtas, nada muito longo, é o ideal.

Como se pode perceber, o momento da leitura em sala de aula é um momento em que os alunos estão em silêncio e prestando atenção no que está sendo narrado, e neste ambiente o aluno com TEA consegue melhor interagir com o grupo, pois autistas podem ser extremamente sensíveis a determinados sons ou locais barulhentos e caóticos. Contudo, como já vimos, existem diferentes níveis de autismo e como a professora B bem colocou, cada autista é uma pessoa única e antes de iniciar qualquer metodologia de ensino deve-se antes procurar saber do histórico familiar deste aluno, seu comportamento, hábitos, etc., pois há autistas com grau severo que não possuem a capacidade de verbalizar contrariamente aos autistas com grau brando que não somente são capazes de se comunicar, mas também ler, escrever e executar diversas outras atividades. Por fim a professora B

coloca que o ideal é que, para aqueles a quem a leitura seja aplicável, que as histórias sejam curtas, ou nada muito longo e dessa forma se conseguirá a atenção da criança autista.

Na quinta questão tratamos do fato de autistas compreenderem o mundo ao seu redor de uma maneira mais literal e possuírem dificuldades para compreender ironias. Em seguida perguntou-se, qual seria, portanto, a leitura mais recomendada para pessoas com transtorno do espectro autista.

Professora A: Os alunos autistas que trabalhei e trabalho conseguem compreender os textos sem precisar de adaptações.

Professora B: A leitura simples e direta, o entendimento flui de maneira mais simples.

A resposta da professora A vem reforçar o que já era esperado, pois, como já vimos na questão anterior, existem diversos níveis de autismo e no caso da professora A, até o momento, seus alunos não tem dificuldades significativas para compreender ironias o que dispensa a utilização de qualquer leitura especialmente adaptada aos seus alunos autistas. Por outro lado, a professora B prefere utilizar textos que proporcionem uma interpretação mais simples e direta em suas atividades de leitura para os seus alunos autistas. Desta forma fica evidente que o educador deve está atento para como os seus alunos estão reagindo frente aos trabalhos que se desenvolvem em sala de aula, e caso necessário a adequação do conteúdo as especificidades de cada aluno especial.

Na sexta e última questão apenas quis saber o grau de autismo, a idade e o ano escolar, das crianças envolvidas na pesquisa.

Professora A: Moderado. Ótimo aluno e 2º ano.

Professora B: Falei sobre 3 crianças na sua pesquisa:

4º ano, 9 anos;

5º ano, 12 anos e

6º ano, 14 anos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho busca-se enfatizar a biblioterapia como uma terapia alternativa, uma forma a mais de buscar contribuir com o desenvolvimento da pessoa com Transtornos do Espectro Autista (TEA), pois dá oportunidade ao Autista de desenvolver o seu potencial cognitivo, emocional e social através do autoconhecimento, reflexão e socialização possibilitados pela leitura, e fornece ao seu núcleo familiar mais uma ferramenta na busca da autonomia destes indivíduos na sociedade.

Alguns avanços, como tivemos a oportunidade de observar no presente trabalho, já foram conquistados nas áreas da neurociência, da psicologia e afins, porém ainda não são conhecidas as causas dos transtornos pertencentes ao espectro do autismo. E se para os profissionais da área da saúde mental o caso ainda levanta muitas dúvidas e questionamentos, quanto mais para os demais atores da sociedade que pouco ou nada conhecem sobre o assunto dificultando ainda mais na compreensão e maneira de lidar com os indivíduos Autistas levando assim ao preconceito e nos casos de crianças e jovens adolescentes a serem vítimas de bullying nas escolas e demais setores sociais.

Por este motivo faz-se necessário a busca pelo aprofundamento, disseminação e esclarecimento sobre o assunto, ou seja, todos os esforços realizados no intuito de promover um melhor ajustamento do indivíduo na sociedade é bem vindo e é nesse sentido que a Biblioterapia vem aliar-se às diversas outras formas de tratamentos terapêuticos existentes à exemplo da Musicoterapia que tem sido aplicado a crianças diagnosticadas dentro do espectro autista obtendo-se bons resultados.

Os benefícios sociais adquiridos pelos indivíduos com TEA através da Biblioterapia seria de capacitá-los para interagir e contribuir para o meio social, pois é sabido que quando estes indivíduos são direcionados de forma adequada para suas áreas de interesse e habilidades, ocorre uma contribuição significativa no seu modo de viver e de ver o mundo. E é claro que as bibliotecas, principalmente as escolares, poderiam dentro das escolas em parceria com os professores, fazer trabalhos de biblioterapia para contribuir com o desenvolvimento psíquico/psicológico e social de individuo acometidos pelo referido transtorno. Vê-se que o bibliotecário tem modo de atuação em diversos campos, basta que ele se

sinta disposto a conhecer e aprofundar um pouco mais os conhecimentos adquiridos durante os anos de formação.

Em vista do que foi tratado no presente projeto, penso que a questão de pesquisa foi respondida, embora se tenha a consciência de que um trabalho de conclusão de curso não apresente o tema exaustivamente, o que poderia ser aprofundado em outra oportunidade.

Espera-se que este estudo possa contribuir com outros trabalhos em que os pesquisadores tenham como intuito encontrar diferentes maneiras de oferecer ferramentas que auxiliem no desenvolvimento de pessoas que estejam dentro do Espectro Autista.

Como sugestão para pesquisas posteriores poder-se-ia abordar a questão da Biblioterapia aplicada à Biblioteca Escolar buscando auxiliar na inclusão de alunos portadores de necessidades especiais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Jéssica X. *et al.* **Biblioterapia aplicada em portadores de autismo**, 2012. Disponível em: <<http://encontros.ufca.edu.br/index.php/encontros-universitarios/eu-2012/paper/view/1047/653>>. Acesso em: 17 Out. 2015.

ALONSO, Karina. Percepções únicas. In: **Ler & Saber Autismo**. São Paulo : alto astral, 2015. p. 9, 21.

ALVES, Maria Helena Hess. **A Aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social**, 1982. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/repositorio/2011/08/pdf_09e78c51e2_0018372.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2015.

BRITO, Adriana Rocha; VASCONCELOS, Marcio Moacyr de. Conversando sobre autismo: reconhecimento precoce e possibilidades terapêuticas. In: **AUTISMO: Vivências e Caminhos**. São Paulo: Blucher, 2016. p.24 – 32.

BUTMAN, Judith; ALLEGRI, Ricardo F. **A Cognição Social e o Córtex Cerebral**, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n2/7854.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e Terapia**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92575/263775.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 Out. 2015.

CARVALHO, Márcio Pedrote de; SOUZA, Luciana Sant’Ana de; CARVALHO, Jair Antonio de. **Síndrome de Asperger**: considerações sobre espectro do autismo, 2014. Disponível em: <<http://www.itpac.br/arquivos/Revista/72/5.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

COSTA, Maria Carla; GONÇALVES, Crislainy; CAMPOS, Eunice. **INCLUSÃO ESCOLAR E INSERÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS AUTISTAS**, 2012. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/images/stories/epepe/IV_EPEPE/t1/P1-04.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2016.

GARCIA, Priscila Mertens; MOSQUERA, Carlos Fernando F. **Causas Neurológicas do Autismo**, 2011. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao_2012/Publicacoes/O_Mosaico/Numero_5/OMosaico5_Art08_PriscilaMertensGarcia.pdf>. Acesso em: 17 Out. 2015.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas Sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

MARINHO, Eliane A. R.; MERKLE, Vânia Lucia B. **Um olhar sobre o autismo e sua especificação**, 2009. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913_1023.pdf>.
Acesso em: 19 set. 2015.

OLIVEIRA, Ageísa Clara Ferreira de, et al. **O BIBLIOTERAPÊUTA: a nova atuação do profissional bibliotecário**, 2011. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/O%20BIBLIOTERAP%3%8AUTA%20a%20nova%20atua%3%A7%C3%A3o%20do%20profissional%20bibliotec%C3%A1rio.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

SANTOS, Bianca Goulart dos. **A GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA**, 2014. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2014_1/bianca_santos.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2016.

SOUZA, Isabel Silva de. **BIBLIOTERAPIA: a função terapêutica da leitura**. 2003. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

TEIXEIRA, Paulo. **Síndrome de Asperger**, 2005. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0254.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2015.

Apêndice

Questionário

- 1) Qual o nível de leitura que uma criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista) cursando o ensino fundamental regular geralmente possui?
- 2) É aplicada alguma metodologia que envolva a leitura de textos para esta criança?

Se a resposta for sim. Como ocorre?

- 3) **Algumas crianças autistas podem apresentar interesse em um assunto específico persistindo neste durante a maior parte do tempo (dinossauros, trens, etc.) e às vezes até mesmo recusando-se a aprender algo que esteja fora do âmbito do seu interesse.** Nesta situação é necessário a adequação do conteúdo que se deseja transmitir a criança à sua respectiva área de interesse?

Em caso afirmativo. Como poderá ocorrer? Cite algum exemplo.

- 4) **As pessoas diagnosticadas dentro do espectro do autismo possuem algumas características comportamentais que afetam a qualidade das interações sociais e a comunicação.** A leitura de textos adequados e dirigidos (estórias, contos, etc.) pode contribuir no processo de desenvolvimento da socialização e comunicação das pessoas com TEA?

Em caso afirmativo. Como poderá ocorrer? Cite algum exemplo.

- 5) **Os autistas compreendem o mundo ao seu redor de uma maneira mais literal e possuem dificuldades em compreender ironias.** Neste aspecto qual é a leitura mais recomendada para pessoas com o referido transtorno?
- 6) Qual o grau de autismo das crianças envolvidas na pesquisa? Qual a idade e o ano que estão estudando?